

## SITUAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA HANSENÍASE EM INDÍGENAS NO BRASIL, 2010-2017

Thomaz Xavier CARNEIRO<sup>(1)</sup>, Dilma Costa de Oliveira NEVES<sup>(1)</sup>, Fabio Lambertini TOZZI<sup>(2)</sup>, Joice Cristina Gomes de SOUSA<sup>(4)</sup>, Alison Ramos da SILVA<sup>(1)</sup>, Maria de Lourdes Beldi de ALCÂNTARA<sup>(3)</sup>, Bruno Vinicius Silva PINHEIRO<sup>(1)</sup>, Carlos Eduardo Pereira CORBETT<sup>(3)</sup>, Maria da Conceição Nascimento PINHEIRO<sup>(1)</sup>, Marília Brasil XAVIER<sup>(1)</sup>

NMT - UFPA - Núcleo de Medicina Tropical - Universidade Federal do Pará<sup>(1)</sup>, ISCO - UFOPA - Instituto de Saúde Coletiva - Universidade do Oeste do Pará<sup>(2)</sup>, FMUSP - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo<sup>(3)</sup>, DSEI Guatoc - SESAI - Distrito Sanitário Especial Indígena Guamá Tocantins - Secretaria Especial de Saúde Indígena<sup>(4)</sup>

**Introdução:** Apesar das populações indígenas brasileiras em grande parte habitarem regiões prioritárias para a hanseníase, pouco se conhece sobre a sua epidemiologia nessas populações. **Objetivos:** Descrever e analisar as características epidemiológicas e espaciais dos novos casos de hanseníase em populações indígenas no Brasil, no período de 2010 a 2017. **Metodologia:** Estudo ecológico, transversal retrospectivo, realizado a partir dos casos novos de hanseníase declarados indígenas no Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI/SESAI/MS), no período de 2010 a 2017 analisados através de epidemiologia descritiva e análise espacial descritiva. Utilizou-se a categorização das taxas médias de detecção de novos casos recomendada pelo Ministério da Saúde, com a adição de uma nova categoria, “muito hiperendêmico”, incluindo os valores superiores a 80,0 casos por 100 mil habitantes. **Resultados:** No período estudado foram notificados 182 casos de hanseníase em indígenas no país, apresentando taxa média de detecção de casos novos de 2,54 casos por 100 mil habitantes, parâmetro considerado médio pela OMS/MS. A análise em diferentes níveis de territorialidade, porém, apresenta a real desigualdade dos casos de hanseníase em indígenas. A Região Norte representou 59.9% dos novos casos no país no período (109 casos), apresentando mais de 3 vezes mais casos que a segunda região mais abundante, a Região Nordeste (32 casos), e os estados com mais casos: Amazonas (43) e Pará (40). O coeficiente médio entre todos os 67 Polos Bases, divisões estruturais e operacionais do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, foi de 30,7 casos por 100 mil habitantes (muito alto), com 40 (59%) apresentando coeficiente de detecção alto ou superior. O Polo Base de Santa Fé do Araguaia, do Distrito Sanitário Especial Indígena Tocantins, apresentou o maior coeficiente de detecção, com 372,2 novos casos por 100 mil habitantes. A análise espacial descritiva, tanto por município quanto por polo base, permitiu identificar agrupamentos de endemicidade de casos. No centro-sul do Amazonas, na microrregião “Madeira”, 4 dos 5 municípios dessa microrregião apresentaram casos, todos cruzados pelo Rio Madeira, destacando-se os municípios de Humaitá, classificado como “Muito Hiperendêmico”, Manicoré, “Muito Alto”, e Novo Aripuanã, “Alto”. No sudoeste do estado do Pará, agrupa-se Jacareacanga (Hiperendêmico) e Itaituba e Trairão (Muito Alto), todos banhados pelo rio Tapajós. No sudeste do estado, agrupa-se Canaã dos Carajás (Muito Hiperendêmico) e o município vizinho de Parauapebas (Muito Alto). No limite entre os estados do Pará e Tocantins, às margens do Rio Araguaia, destaca-se o município de Santa Maria das Barreiras, no Pará, com taxa de detecção de 211,86 (Muito Hiperendêmico), e no Tocantins, Santa Fé do Araguaia (Muito Hiperendêmico) e Araguaína (Hiperendêmico). **Conclusões:** Apesar de que o país provavelmente alcançará a meta estatística de eliminação da hanseníase como um problema de saúde pública nos próximos anos, a grande quantidade de áreas hiperendêmicas mostram a manutenção do ciclo de contaminação da doença em indígenas em diversas áreas do país, apresentando a desigualdade na sua distribuição e necessidade de políticas de busca de casos ativos e reforço em políticas de conscientização, diagnóstico e tratamento.

**Palavras-chaves:** Hanseníase, Epidemiologia, Análise espacial, Saúde de populações indígenas